

## **A RELEVÂNCIA DO TRAÇO “GÊNERO SEMÂNTICO” NA REALIZAÇÃO DO OBJETO NULO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO<sup>1</sup>**

THE IMPORTANCE OF THE ‘SEMANTIC GENDER’ FEATURE  
IN THE NULL OBJECT IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Gabriel de Ávila Othero  
Docente do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[gabriel.othero@ufrgs.br](mailto:gabriel.othero@ufrgs.br)

Mônica Rigo Ayres  
Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[monicarigoayres@hotmail.com](mailto:monicarigoayres@hotmail.com)

Ana Carolina Spinelli  
Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[camilaschwanke@gmail.com](mailto:camilaschwanke@gmail.com)

Camila Schwanke  
Bolsista IC, Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[camilaschwanke@gmail.com](mailto:camilaschwanke@gmail.com)

**Resumo:** Desde, pelo menos, o século XIX, o uso do clítico acusativo de terceira pessoa (*o, a*) em português brasileiro cedeu espaço para duas estratégias: (a) o uso do pronome tônico *ele, ela* ou (b) o uso do chamado objeto direto nulo. Partindo da hipótese básica de Creus e Menuzzi (2004) sobre o traço semântico do referente ter papel central para o condicionamento da retomada anafórica com pronome ou com objeto nulo, defendemos a ideia de que existe uma estratégia não marcada e outra marcada em se tratando da retomada anafórica para objetos diretos em 3ª pessoa. Através de reanálises de testes propostos por Creus e Menuzzi e aplicações de novos testes, procuramos mostrar que a estratégia marcada é a utilização de um pronome e a estratégia não marcada, o uso de categoria vazia na posição de objeto, sendo o traço semântico do referente a ser retomado relevante para cada opção.

**Palavras-chave:** Objeto direto; Retomada anafórica; Objeto nulo; Português brasileiro.

---

<sup>1</sup> Agradecemos a Eduardo Correa Soares, Sergio Menuzzi e aos pareceristas anônimos da revista por comentários a versões preliminares deste texto. Todas as inconsistências ainda presentes no texto são de nossa completa responsabilidade.

**Abstract:** Since the XIX century (at least), the use of third person accusative clitic (*o, a*) in Brazilian Portuguese (BP) has yielded to two strategies, (a) the use of tonic pronouns *ele, ela* or (b) the use of a null object. Assuming Creus e Menuzzi's (2004) hypothesis (i.e. the relevant feature that triggers the null object strategy is the semantic gender of the referent), we will argue here that there is a marked and an unmarked strategy (the null object being the unmarked one). By a reanalysis of tests originally proposed by C&M, we propose and apply new tests, arguing that the marked strategy is the use of a pronoun and the unmarked strategy is the null object, and the semantic feature of the referent is relevant to each strategy.

**Keywords:** Direct object; Anaphor; Null object; Brazilian Portuguese.

## Introdução

Uma característica da gramática do português brasileiro (PB) é a possibilidade da realização de um elemento vazio (cuja natureza ainda é alvo de discussão, Cf. RAPOSO, 1986; GALVES, 1989; KATO, 1993; CYRINO, 1994; PANITZ, 2015, por exemplo) como objeto direto anafórico de 3ª pessoa, como ilustram os exemplos abaixo.

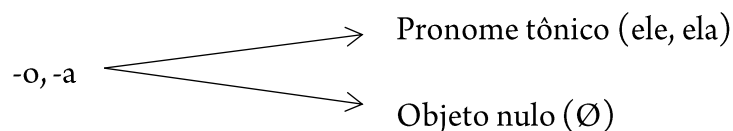
- (1) Você já ouviu [o novo álbum do Chico]<sub>i</sub>? Eu ouvi  $\emptyset$ <sub>i</sub> e achei  $\emptyset$ <sub>i</sub> muito bom.
- (2) O João me deu [um livro]<sub>i</sub>, mas eu não consegui ler  $\emptyset$ <sub>i</sub> ainda.

Estudos recentes (SCHWENTER, 2006; 2014; CASAGRANDE 2007; 2012, FIGUEIREDO SILVA, 2009; CYRINO; MATOS, 2016, por exemplo) têm mostrado que, em se tratando de retomada de um referente de 3ª pessoa na função de objeto direto, o PB adota *duas* estratégias predominantes: ora permite o uso de um *pronome pleno* ('ele\ela'), ora de um *objeto nulo* (como ilustramos nos exemplos 1 e 2). O pronome clítico ('-o\ -a') tem baixo índice de ocorrência como estratégia de realização de objeto em PB (Cf. referências já citadas, além de NUNES, 1993; e MONTEIRO 1994).<sup>2</sup> Em outras

---

<sup>2</sup> Gramáticas recentes do português (como CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011; PERINI, 2016, por exemplo) reconhecem o baixo uso do clítico em PB e, por se tratar de gramáticas de consulta, acabam oficializando o processo de "extinção" do clítico em posição de objeto.

palavras, a forma átona cedeu espaço para estas duas estratégias de preenchimento da posição de objeto anafórico de 3ª pessoa.<sup>3</sup>



Neste artigo, buscaremos elucidar três perguntas sobre o uso de pronomes e objetos nulos na retomada anafórica do objeto de 3ª pessoa (tal como mostramos nos exemplos 1 e 2):

1. O uso de pronome *versus* objeto nulo é um fenômeno de variação livre ou distribuição complementar?
2. Se estamos diante de um fenômeno de distribuição complementar, qual é o fator gramatical condicionador de uma estratégia ou de outra?
3. Entre essas duas estratégias, há uma que pode ser considerada *menos marcada* na língua?

Nossas hipóteses são as seguintes:

1. Trata-se de um caso de distribuição complementar.
2. Há, basicamente, dois fatores condicionadores. São os traços do antecedente de *animacidade* e *especificidade*. Alternativamente, é possível que apenas um traço seja relevante, o traço de *gênero semântico* do antecedente.
3. A estratégia do objeto nulo deve ser a menos marcada.

Vejamos essas três hipóteses nas seções a seguir. Na seção 2, detalhamos as hipóteses (1) e (2), apresentando os três testes com falantes nativos de PB que aplicamos. Na seção 3, desenvolveremos a hipótese (3). Finalmente, na seção destinada às Conclusões, apresentamos as respostas para as três perguntas que propusemos acerca das estratégias de retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa em PB,

---

<sup>3</sup> Cf. Cyrino (1993; 1994) para uma abordagem diacrônica do fenômeno. Cyrino (2003), contudo, argumenta que a queda dos clíticos e o aparecimento do objeto nulo não têm uma correlação necessária e podem ser considerados fenômenos motivados independentemente.

## 2 Detalhando as hipóteses (1) e (2)

Assumindo que *seja o caso de distribuição complementar* (hipótese 1) entre pronomes e categorias vazias (cf. DUARTE, 1989; 1993, CYRINO, 1993; 1994; 2003, SCHWENTER, 2006; 2014 por exemplo), precisamos verificar quais são os fatores que condicionam o uso de pronomes *versus* categorias vazias (hipótese 2). As explicações mais aceitas (até então) dizem respeito a traços semânticos e “pragmáticos” do antecedente: em sendo o antecedente *+animado* e *+específico*, teremos retomada anafórica com *pronome*; em sendo o antecedente *-animado* e *-específico*, teremos retomada anafórica com *objeto nulo* (cf. referências mencionadas neste parágrafo). Veja os exemplos:

- (3) Sempre que eu busco [a minha filha]<sub>i</sub> na escola, eu encho ela<sub>i</sub> \??Ø<sub>i</sub> de beijos. [+a, +e]  
(4) A Maria deixou [um livro]<sub>i</sub> aqui e nunca mais encontrou ??ele<sub>i</sub> \Ø<sub>i</sub>. [-a, -e]

Se, por um lado, parece que temos classes naturais com os referentes marcados positivamente [+a, +e] (condicionam pronome) e negativamente [-a, -e] (condicionam objeto nulo), por outro não conseguimos encontrar classes naturais quando há combinação desses traços. Apesar de os traços de animacidade e especificidade serem relevantes para o condicionamento do tipo de objeto anafórico (se um pronome ou um objeto nulo), sua interação nem sempre é clara (algo já reconhecido na literatura, cf. CREUS; MENUZZI, 2004, PIVETTA, 2015, por exemplo). Isso pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (5) Se eu encontrar [um aluno que consiga resolver esse problema]<sub>i</sub>, eu contrato ele<sub>i</sub> \Ø<sub>i</sub> imediatamente para trabalhar em meu projeto de pesquisa. [+a, -e]  
(6) Você já leu [o último livro do Chomsky]<sub>i</sub>? Eu vou ler ele<sub>i</sub> \Ø<sub>i</sub> nas férias. [-a, +e]

Creus e Menuzzi (2004, p. 158) apresentam uma tabela sistematizando esse problema (sintetizando resultados de Cyrino 1994), justamente para mostrar que os ante-

cedentes [+a, +e] parecem formar uma classe natural (que favorecem a retomada anafórica com pronome), ao passo que os antecedentes [-a, -e] também formam uma classe natural (que favorecem a retomada anafórica com objeto nulo). O problema reside nos antecedentes com os traços [+a, -e] e [-a, +e] (que mostramos nos exemplos (4) e (5)). Aqui, a estratégia de retomada anafórica não é categórica e é pouco polarizada.<sup>4</sup>

**Tabela 1** – Anáfora de objeto em PB: distribuição sincrônica atual de PrPls e ONs

Antecedentes	Distribuição		Padrão Idealizado
	PrPls	ONs	
[+a, +e]	100%	-	PrPl/*ON
[+a, -e]	57%	43%	PrPl/ON
[-a, +e]	13%	87%	ON/*PrPl
[-a, -e]	7%	93%	ON/*PrPl

Veja que quando há uma combinação assimétrica dos traços, i.e. referentes [+a, -e] e [-a, +e], encontramos um problema. Não obtemos uma distribuição polarizada com nenhuma combinação entre esses traços. Quando o referente carrega os traços [+a, +e] (primeira linha da tabela), o objeto anafórico é categoricamente realizado pelo pronome pleno. Por outro lado, quando o referente apresenta o traço [-a] (repare na última e na penúltima linha), sua retomada tem a tendência de ser feita por uma categoria vazia (objeto nulo), não importando, nesse caso, o traço de especificidade. E há uma complicação no caso de antecedentes [+a, -e]: aqui não há uma tendência bem marcada (em 57% dos casos, um antecedente com esses traços foi retomado por um pronome pleno; em 43% dos casos, por um objeto nulo). Isso sugere, então, que *não temos uma classe natural opositiva clara*, i. e. não podemos opor, de um lado os antecedentes [+a] aos [-a]; tampouco os referentes que apresentam o traço [+e] podem se opor aos referentes [-e]. Em resumo, nem apenas o traço de animacidade explica os fatos adequadamente, nem o traço de especificidade, nem a combinação desses traços parecem explicar toda a história.

<sup>4</sup> Aqui temos as siglas PrPL (pronome pleno) e ON (objeto nulo).

Alternativamente, há uma segunda hipótese, que tenta responder ao mesmo problema, usando apenas um único traço do antecedente: é a hipótese do *gênero semântico*<sup>5</sup>, de Creus e Menuzzi (2004). Nas palavras dos autores:

É claro que, destes dois traços [animacidade e especificidade], o que tem papel central é o de animacidade, já que é ele que configura as generalizações básicas do sistema; o traço de especificidade parece ser relevante, na verdade, apenas para uma classe de antecedentes. Assim, parece-nos que a explicação do sistema de anáfora de objeto em PB (...) precisa identificar no traço de animacidade aquele aspecto essencial que, ao mesmo tempo que traça as generalizações básicas, prevê também a possibilidade de alternativa para os antecedentes animados não-específicos. A nosso ver, o aspecto fundamental do traço de animacidade é que ele está associado com distinções de gênero semântico. (CREUS; MENUZZI, 2004, p. 160).

Por que o gênero semântico? Continuemos com Creus e Menuzzi (2004, p. 161, doravante C&M):

Do ponto de vista conceitual, a hipótese que associa os pronomes plenos do PB à presença de gênero semântico, e objetos nulos à ausência de gênero semântico é mais natural que a hipótese análoga baseada na distinção de animacidade: afinal, a diferença básica entre as formas *ele/ela* e os objetos nulos é que as primeiras portam especificações de gênero, enquanto que os últimos são justamente não-especificados para gênero (bem como para número, mas nisso os ONs [objetos nulos] não diferem significativamente dos PrPls [pronomes plenos], já que os últimos podem ou não portar a flexão de número). Ou seja, a escolha entre ONs e PrPls resultaria, basicamente, de um processo de concordância entre antecedente e forma anafórica: antecedentes com gênero semântico favorecem o uso de PrPls porque estas são as formas anafóricas especificadas para gênero; e antecedentes sem gênero semântico favorecem o uso de ONs precisamente porque ONs não possuem especificação para gênero semântico.

---

<sup>5</sup> O gênero semântico refere-se ao sexo natural que pode ser identificado na referência de um substantivo (menina/menino; gato/gata; boi/vaca). Cf. Camara Jr. (1970) para uma distinção entre *gênero semântico* e *gênero gramatical*. Schwindt (2015, 2016) aponta para o fato de que uma minoria absoluta de substantivos em português (cerca de 5% dos substantivos) têm o gênero semântico marcado.

Para corroborar sua hipótese, C&M realizaram um teste com 13 falantes, todos alunos de Mestrado em Linguística na PUC-RS. O teste trazia a seguinte orientação: “Marque a opção que você considera a mais natural, espontânea e usual na conversação coloquial. Se as duas possibilidades forem igualmente boas, marque ambas.” (C&M, p. 163). Os falantes, então, liam as sete frases seguintes e assinalavam qual era a “mais natural” (ambas poderiam ser marcadas). Aqui estão as frases do teste de C&M):

- a) Quando eu vejo alguma pessoa cega querendo atravessar a rua, eu ajudo {\_\_\_/ela}.
- b) Sabe que ontem Maria encontrou um menino chorando e consolou {\_\_\_/ele}.
- c) Toda vez que o Márcio percebe que sua filha teima, ele repreende {\_\_\_/ela}.
- d) Olha aqui: se eu me deparasse com uma menina bem bonita, eu beijava {\_\_\_/ela}.
- e) Quando aquele rapaz loiro passou por aqui, a minha prima cumprimentou {\_\_\_/ele}.
- f) Se eu encontrar um profissional capaz de fazer isso, eu contrato {\_\_\_/ele} na hora.
- g) Quando viu alguns turistas que estavam jogando lixo nas ruas, o policial xingou {\_\_\_/eles}.

Essas frases traziam antecedentes com o traço [+gs] (gênero semântico) e [-gs], como aparece na Tabela 2 (C&M, p. 164):

**Tabela 2** – Distribuição das frases-teste por categorias de antecedentes

<b>Frases-Teste</b>	<b>Antecedentes</b>	<b>Classe</b>
(a) e (f)	<i>alguma pessoa cega, um profissional</i>	[+a, -e, -gs]
(b) e (d)	<i>um menino, uma menina</i>	[+a, -e, +gs]
(c) e (e)	<i>sua filha, aquele rapaz</i>	[+a, +e, +gs]
(g)	<i>alguns turistas</i>	[+a, -e, -gs]

Fonte: C&M, p. 164.

Ainda que com algumas deficiências (falaremos delas a seguir), o teste apresentou resultados interessantes (C&M, p. 165):

**Tabela 3** – Ocorrências de ONs e PrPIs segundo o tipo de antecedente

<b>Classe do Antecedente</b>	<b>Objetos Nulos</b>	<b>Pronomes Plenos</b>
[+a, -e, -gs]	24/37 (64,9%)	13/37 (35,1%)
[+a, -e, +gs]	09/31 (29,0%)	22/31 (71,0%)
[+a, +e, +gs]	08/31 (25,8%)	23/31 (74,2%)
ant. da frase (g)	09/16 (56,3%)	07/16 (43,7%)

Fonte: C&M, p. 165.

Pode-se ver, aqui, que os antecedentes [+a, -e] realmente não formam uma classe natural, como já havia também aparecido no trabalho de Cyrino (1994) e como Pivetta (2015) retoma.<sup>6</sup> Por outro lado, os antecedentes [+gs] parecem, de fato, formar uma classe natural, em oposição aos [-gs]. E podemos propor, juntamente com C&M, uma generalização gramatical interessante: *se o antecedente tiver o gênero semântico marcado ([+gs]), sua retomada será feita por um pronome; se o antecedente tiver o gênero semântico não marcado ([-gs]), sua retomada será feita por uma categoria vazia (objeto nulo)*. Interessante, mas o teste mostra apenas uma tendência, nem categórica nem definitiva.

Ainda sobre o teste, acreditamos que ele tenha três limitações que podem ter afetado o resultado, quais sejam: (i) o teste foi feito com poucos falantes (apenas 13); (ii) o teste foi feito com falantes com algum conhecimento em Linguística, sintaxe e gramática (mestrandos em Linguística); (iii) o teste deixou claro seu objetivo aos informantes (julgar frases com pronome *versus* com objetos nulos).

Por isso, resolvemos replicar o teste de C&M, superando essas três limitações. Na verdade, realizamos três outros testes. Vamos a eles:

---

<sup>6</sup> Pivetta replicou o trabalho de Cyrino (1994/1997), para testar a hipótese do gênero semântico. Ou seja, ela buscou o mesmo corpus e analisou as mesmas ocorrências de retomadas anafóricas de objetos nulos que Cyrino (1994/1997) apresenta. Entretanto, o principal problema do trabalho de Pivetta foi que, justamente no tipo bastante crucial de retomada anafórica do objeto (a retomada de referentes com os traços [+animado, -específicos]), não foi possível alcançar resultados satisfatórios, em virtude do baixo número de ocorrências no corpus da pesquisa - apenas oito ocorrências.



## 2.1 Teste 1

Primeiramente, replicamos o teste de C&M com mais informantes: 130<sup>7</sup>. E esses informantes não poderiam ter conhecimentos aprofundados em sintaxe ou em gramática (fizemos o teste com alunos do primeiro ano do curso de Letras da UFRGS). Além disso, os informantes não poderiam saber sobre o que o teste se tratava. Por isso, usamos frases distratoras, na proporção de duas distratoras para cada frase a ser testada (que foram as mesmas de C&M, cf. nosso teste no anexo deste artigo<sup>8</sup>). Finalmente, o teste não foi feito apenas com uma resposta do tipo “natural/não natural”. Usamos uma escala de magnitude, com valores de 0 (frase muito ruim) a 10 (frase muito boa).<sup>9</sup> O resultado que obtivemos foi o seguinte:

**Tabela 4** – Resultado do teste de escala de magnitude

<b>Classe do antecedente</b>	<b>Objetos Nulos</b>	<b>Pronomes Plenos</b>
[-gs, +a, -e]	9,2	9,2
[+gs, +a, -e]	6,8	8,1
[+gs, +a, +e]	5,9	8,8

Lembre-se de que usamos as mesmas frases de C&M (cf. mais acima); por isso, as combinações de traço que obtivemos foram essas três (anteriores [-gs, +a, -e], [+gs, +a, -e] e [+gs, +a, +e]). Vamos à discussão dos resultados desse teste. Primeiramente, analisando a segunda coluna da tabela (‘Objetos Nulos’), repare que as frases que *favoreceram o objeto nulo* foram aquelas cujo antecedente tinha o gênero semântico não marcado [-gs], conforme previram C&M. As frases com objeto nulo em que os antecedentes tinham o traço [-gs] receberam nota significativamente superior (9,2 em média) comparadas às frases em que os referentes eram do tipo [+gs], independente do fato de todos esses antecedentes serem animados, [+a].

<sup>7</sup> Escolhemos o número de 130 informantes porque representa 10 vezes mais informantes que o teste original de C&M.

<sup>8</sup> Usamos as mesmas frases de C&M, com exceção da frase (g), que “não foi controlada devidamente e deu resultados inesperados”, de acordo com Sergio Menuzzi (em comunicação pessoal). Por recomendação do próprio Menuzzi, deixamos a frase (g) de fora por ora.

<sup>9</sup> Sobre as vantagens (e desvantagens) de utilizar testes com escala de magnitude para obter julgamento de aceitabilidade e gramaticalidade, cf. Sprouse (2007).

Contudo, ao contrário das previsões de C&M, as frases com pronomes plenos foram todas bem aceitas, recebendo boas notas (notas médias acima de 8,1), independentemente da natureza de seu antecedente ([ -gs, +a, -e], [+gs, +a, -e] ou [+gs, +a, +e]). Ora, acreditamos que isso aconteça porque o objeto nulo está se firmando como uma estratégia *default*, não marcada em português: quando o antecedente for [-a], a preferência é pelo uso do objeto nulo (na verdade, isso não está em jogo aqui, cf. os trabalhos de Duarte e Cyrino já citados). Entretanto propomos – e aqui está a novidade – que, *quando o referente for animado, ele também deve ser retomado por um objeto nulo, a menos que tenha seu gênero semântico marcado*, i.e., a menos que o referente tenha o traço [+gs]. A marcação com o objeto nulo é, então, uma inovação do PB (Cf. CYRINO 1994) e, ao mesmo tempo, o padrão não marcado de retomada anafórica para objetos de 3ª pessoa (como argumentaremos de maneira mais detalhada na seção 3). A alta aceitabilidade da retomada por pronome pleno se dá porque, acreditamos, os falantes ainda conservam a influência de seu grau de escolarização. Como o objeto nulo é a estratégia inovadora, acreditamos que os falantes com alto grau de instrução tenham a tendência a aceitar o pronome como estratégia de retomada anafórica de objeto (Oliveira (2007), através de análises de textos escolares de diferentes etapas do ensino formal, mostra, por exemplo, que o uso do pronome, pleno e clítico, nessa posição começa a aparecer nos dados textuais apenas nas séries finais). Um segundo ponto interessante nos nossos resultados foi verificar que a classe [+a, -e], problemática nas análises de Cyrino (1994) e Pivetta (2015), pôde ser explicada em termos de gênero semântico, conforme previram C&M.

Após realizarmos esse primeiro teste, decidimos aplicar mais dois testes, cada um com 100 informantes.

## 2.2 Testes 2 e 3

Nosso segundo teste foi uma réplica fidedigna do teste de C&M. Utilizamos as mesmas frases e a mesma instrução (cf. mais acima) propostas por C&M. A diferença foi que realizamos o teste com a ferramenta Survey Monkey ([surveymonkey.com](http://surveymonkey.com)) e aplicamos a 100 informantes, via internet. Vejamos os resultados:

**Tabela 5** – Resultado do primeiro teste

<b>Classe do antecedente</b>	<b>Objetos Nulos</b>	<b>Pronomes Plenos</b>
[-gs, +a, -e]	58%	41%
[+gs, +a, -e]	37%	62%
[+gs, +a, +e]	32%	67%

Obtivemos aqui resultados semelhantes aos testes anteriores: o referente [-gs] tem a tendência de condicionar a retomada com o objeto nulo; o referente [+gs], com o pronome pleno. Para eliminar a suspeita de que a ordem das frases pudesse estar influenciando as respostas dos falantes, realizamos um terceiro teste, invertendo a ordem das frases e consultamos 100 outros informantes. No primeiro teste, os informantes viam as frases nesta ordem (uma frase com objeto nulo seguida de uma frase com retomada anafórica pronominal):

- a) Quando eu vejo alguma pessoa cega querendo atravessar a rua, eu ajudo.
- b) Quando eu vejo alguma pessoa cega querendo atravessar a rua, eu ajudo ela.
  
- c) Sabe que ontem Maria encontrou um menino chorando e consolou.
- d) Sabe que ontem Maria encontrou um menino chorando e consolou ele.

No segundo teste, invertemos, então, a ordem, e os informantes viam as frases como segue (uma frase com um pronome pleno e a outra com um objeto nulo):

- a) Quando eu vejo alguma pessoa cega querendo atravessar a rua, eu ajudo ela.
- b) Quando eu vejo alguma pessoa cega querendo atravessar a rua, eu ajudo.
  
- c) Sabe que ontem Maria encontrou um menino chorando e consolou ele.
- d) Sabe que ontem Maria encontrou um menino chorando e consolou.

Os resultados que obtivemos foram os seguintes:

**Tabela 6** – Resultado do segundo teste

<b>Classe do antecedente</b>	<b>Objetos Nulos</b>	<b>Pronomes Plenos</b>
[-gs, +a, -e]	49%	50%
[+gs, +a, -e]	30%	69%
[+gs, +a, +e]	23%	76%

Os resultados diferiram pouco dos testes anteriores (especialmente, com os antecedentes [-gs, +a, -e]). Entretanto, aqui a proposta básica de C&M se manteve: (i) antecedentes [+gs] favorecem o uso de pronomes plenos na retomada anafórica; e (ii) a problemática classe dos antecedentes do tipo [+a, -e] pode ser explicada em termos de gênero semântico (ainda que, como mencionamos, este último teste não deixou claro o julgamento de aceitabilidade para frases com antecedentes [-gs, +a, -e]).

### 2.3 Conclusões parciais sobre as hipóteses (1) e (2)

Com base nos resultados que obtivemos de nossos testes, conseguimos realizar uma análise contrastiva usando cada traço do antecedente (animacidade, especificidade e gênero semântico) para verificar qual desses traços é, de fato, relevante para a formação de classes naturais gramaticais que influenciam o condicionamento do objeto nulo em PB – e verificar se os pronomes e o objeto nulo estão de fato em relação de distribuição complementar como estratégia de retomada anafórica de objeto direto em 3ª pessoa.

#### 2.3.1 Animacidade

Se o traço de animacidade fosse o fator condicionador do objeto nulo, como defende Duarte (1989), por exemplo, e se pudéssemos encontrar um contraste entre referentes [+a] e [-a], relevante à gramática do PB no que toca ao uso do objeto nulo, esperaríamos que os antecedentes [+a] se comportassem como uma classe natural. Entretanto, não foi isso que encontramos. Veja os resultados dos testes, isolando o traço de animacidade dos antecedentes:

**Tabela 7** – Comparação dos resultados do traço [+a] no teste de escala de magnitude

Classe do antecedente	Objetos Nulos	Pronomes Plenos
[+a]	9,2	9,2
[+a]	6,8	8,1
[+a]	5,9	8,8

**Tabela 8** – Comparação dos resultados do traço [+a] obtidos com os testes 2 e 3

Classe do antecedente	Objetos Nulos	Pronomes Plenos
[+a]	<b>53%</b>	46%
[+a]	34%	<b>65%</b>
[+a]	28%	<b>71%</b>

Veja como os antecedentes animados se comportam de maneira díspar, ora favorecendo o uso de pronomes plenos, ora favorecendo o objeto nulo (cf. a segunda e a terceira linhas das três das três tabelas acima). Ou seja: o traço de animacidade, como anteciparam C&M, Schwenter (2006) e Cyrino, não pode ser o (único) responsável pela explicação da distribuição da retomada anafórica de objeto em PB.

### 2.3.2 Animacidade e especificidade

Seguindo a proposta dos trabalhos de Schwenter (2006) e Cyrino (1994), poderíamos esperar que os traços de animacidade e especificidade fossem, em conjunto, o fator condicionador de objeto nulo em PB. Dessa forma, poderíamos esperar que os antecedentes [+a, -e] formassem uma classe natural por oposição aos antecedentes [+a, +e]. Contudo, essa expectativa também contraria o que encontramos em nossos testes.

**Tabela 9** – Comparação dos resultados dos traços [+a, -e] no teste de escala de magnitude

Classe do antecedente	Objetos Nulos	Pronomes Plenos
[+a, -e]	<b>9,2</b>	9,2
[+a, -e]	6,8	<b>8,1</b>
[+a, +e]	5,9	<b>8,8</b>

**Tabela 10** – Comparação dos resultados dos traços [+a, -e] obtidos com os testes 2 e 3

Classe do antecedente	Objetos Nulos	Pronomes Plenos
[+a, -e]	<b>53%</b>	46%
[+a, -e]	34%	<b>65%</b>
[+a, +e]	28%	<b>71%</b>

Repare como os antecedentes [+a, -e] se comportam, também, de maneira errática, ora favorecendo a retomada por pronome pleno, ora favorecendo a retomada por objetos nulos. Por isso, não podemos afirmar que esse tipo de antecedente forme uma classe natural, de comportamento gramatical relevante para o condicionamento do objeto nulo em PB.

### 2.3.3 Gênero semântico

Se a tese de C&M estiver correta – e acreditamos que esteja essencialmente correta –, então conseguiremos ver, nos dados abaixo, uma distribuição regular do condicionamento de objeto nulo em PB, com base apenas em um único traço semântico do referente: seu gênero semântico. Vejamos.

**Tabela 11** – Comparação dos resultados do traço [+gs] no teste de escala de magnitude

Classe do antecedente	Objetos Nulos	Pronomes Plenos
[-gs]	9,2	9,2
[+gs]	6,8	8,1
[+gs]	5,9	8,8

**Tabela 12** – Comparação dos resultados do traço [+gs] obtidos com os testes 2 e 3

Classe do antecedente	Objetos Nulos	Pronomes Plenos
[-gs]	53%	46%
[+gs]	34%	65%
[+gs]	28%	71%

O que nossos dados apontam de maneira bastante clara *não diz respeito ao condicionamento do objeto nulo* em si, mas ao condicionamento do uso do pronome pleno na retomada anafórica de antecedentes *com gênero semântico*, [+gs]. Ou seja, analisando os resultados de nossos testes, podemos perceber que, se um antecedente tem o traço [+gs], há uma forte tendência para que ele seja retomado por um pronome – e não por um objeto nulo (veja, nas linhas 2 e 3 de cada tabela, como os antecedentes [+gs] favorecem o uso de pronomes plenos). Por outro lado, se um antecedente não tiver o gênero semântico marcado, sua retomada ora é feita com um pronome, ora com uma categoria vazia.

Isso indica, entre outras coisas, que há uma tendência à distribuição complementar, mas ela não é categórica (confirmando parcialmente a hipótese 1). E o que condiciona o uso de pronome *versus* objeto nulo na retomada anafórica de objetos diretos de 3ª pessoa seja, de fato, o traço de gênero semântico do antecedente (confirmando a hipótese 2) – cf. também o trabalho de Ayres (2016), que aponta nessa mesma direção.

### **3 Retomando a hipótese (3): o objeto nulo como estratégia não marcada**

Nossa ideia básica é relativamente simples: baseamo-nos no fato já bastante conhecido de que o objeto direto prototípico (nas línguas humanas, de maneira geral) é um referente *não animado* ou não humano (assim como o sujeito prototípico é um referente animado). Há diversos argumentos que sustentam essa ideia – ela não é nova (Cf. HOPPER; THOMPSON, 1980; COMRIE, 1989; DOWTY, 1991; VAN VALIN, 1997; SCHWENTER, 2006, entre outros). Para Company (2002, p. 206), por exemplo

[...] a DO refers very frequently to inanimate beings, things or abstract concepts, fully affected by the action of the verb; a DO usually has neither energy nor volition and it usually undergoes some change of state, provoked by the energy of the agent via the transitivity of the verb. A thing is easier to change than a human being, therefore a non-human entity seems to represent the prototype of a DO better than a human one.<sup>10</sup>

Em sendo assim, temos em PB uma estratégia relativamente inovadora (cf. NUNES, 1993, CYRINO 1994) para a retomada de objetos (prototipicamente inanimados e, portanto, sem gênero semântico): a retomada anafórica com uma categoria vazia, *o objeto nulo*. Defendemos que essa é a estratégia *default*, não marcada. Ela é mais frequente (Cf. DUARTE, 1989; TARALLO, 1996; SCHWENTER; SILVA, 2002), tem menos material linguístico ( $\emptyset$ ) e é mais comum na produção de crianças em fase de aquisição da linguagem (Cf. CASAGRANDE, 2007; AYRES, 2016).

---

<sup>10</sup> “[...] um objeto direto frequentemente se refere a seres inanimados, coisas ou conceitos abstratos, plenamente afetados pela ação do verbo; um objeto direto geralmente não tem nem energia ou volição e ele geralmente sofre alguma mudança de estado, provocada pela energia do agente através da transitividade do verbo. Um objeto é mais fácil de mudar do que um ser humano; por isso, uma entidade não humana parece representar o protótipo do objeto direto melhor do que uma entidade humana.” Tradução nossa.

Por outro lado, caso o sistema depare com um caso *atípico*, i.e. com um objeto direto anafórico cujo referente tem o traço [+gs], usa-se o *pronome*. Trata-se da conhecida condição de *Elsewhere* (Cf. ANDERSON, 1969; KIPARSKY, 1973; ARONOFF, 1976): o uso de uma forma mais específica se aplica antes de uma forma mais genérica (a forma menos marcada, objeto nulo, sendo a menos específica).

O sistema, assim, se regulariza: o gênero semântico atua como gatilho para o uso de um pronome em posição de objeto, não apenas com referentes de 3ª pessoa, mas também para objetos exofóricos, de 1ª e 2ª pessoas (que, obviamente, por situações discursivas, são sempre marcados positivamente para o traço de gênero semântico). Assim, o

BP is that it is a variety that displays a “split” system of marking anaphoric DOs. All animate (mainly human) and specific anaphoric DOs are preferentially encoded overtly, while all others are preferentially encoded as null objects. (SCHWENTER, 2006, p. 26).<sup>11</sup>

Na verdade, ajustando um pouco o trecho de Schwenter, o sistema opera com objetos anafóricos [+gs] sendo codificados preferencialmente por pronomes e objetos anafóricos [-gs] sendo codificados preferencialmente por elementos vazios.<sup>12</sup> Veja a Tabela 16, de Schwenter (2006, p. 26), que também merece um ajuste:

**Tabela 13** – Preferências de retomada anafórica do objeto em relação ao referente

	<b>Preferencialmente manifesto</b>	<b>Preferencialmente nulo</b>
1ª pessoa	sim	não
2ª pessoa	sim	não
3ª pessoa [+a, +e]	sim	não
Toda as outras 3 <sup>as</sup> pessoas	não	sim

<sup>11</sup> PB é uma variedade que apresenta um sistema ‘dividido’ de marcação de objetos diretos anafóricos. Todos os objetos anafóricos animados (principalmente os +humanos) e específicos são preferencialmente codificados de maneira explícita, enquanto que todos os outros são preferencialmente codificados como objetos nulos. Tradução nossa.

<sup>12</sup> Repare que Schwenter quase chega à mesma conclusão de C&M quando fala de referentes “animados (principalmente os +humanos)” que servem como elementos condicionadores de retomada anafórica pronominal.



Schwenter usa, na última linha, o rótulo ‘todas as outras 3<sup>as</sup> pessoas’ (“All other 3rd person”), o que engloba as combinações [+a, -e], [-a, +e] e [-a, -e], algo bastante problemático, como argumentamos ao longo do texto.<sup>13</sup> Afinal, estamos colocando na mesma categoria referentes animados, não animados, específicos e não específicos. Em aceitando a tese de que o gênero semântico é o traço responsável por essa divisão, a tabela funciona de maneira mais intuitiva:

**Tabela 14** – Preferências de retomada anafórica do objeto em relação ao referente reformulada

	<b>Preferencialmente manifesto</b>	<b>Preferencialmente nulo</b>
1 <sup>a</sup> pessoa	sim	não
2 <sup>a</sup> pessoa	sim	não
3 <sup>a</sup> pessoa [+gs]	sim	não
3 <sup>a</sup> pessoa [-gs]	não	sim

Na verdade, ela funciona de maneira ainda mais simples e intuitiva, uma vez que, agora, conseguimos explicar absolutamente todas as pessoas do discurso com base na mesma propriedade gramatical, o gênero semântico do referente:

---

<sup>13</sup> Schwenter (p. 26-27) mesmo percebe que há algo de “estranho” com essa categoria (‘todas as outras 3<sup>as</sup> pessoas’). Ele diz (p. 26-27): “O que é provavelmente mais surpreendente sobre essa esquematização é a categorias “outros” de 3<sup>a</sup> pessoa que mais se assemelha ao protótipo para os objetos diretos (...), e é precisamente essa classe de objetos diretos anafóricos que tende a aparecer (na conversação, pelo menos) codificado como objeto nulo.” Trecho original: “What is perhaps most striking about this configuration is that it is the “other” 3rd person category that most closely resembles the prototype for direct objects described in the quote from Company above, and it is precisely this class of anaphoric DOs that tends to appear (in conversational discourse, at least) as null objects.”

Schwenter apenas não declara que o objeto prototípico justamente não é um referente animado e, por isso, a categoria é estranha, já que, ali, entram referentes animados. Ora, com a ideia do traço de gênero semântico como o traço relevante para a retomada anafórica, podemos explicar essa distribuição de maneira mais clara. Veja as tabelas que mostraremos a seguir.

**Tabela 15** – Preferências de retomada anafórica do objeto em relação ao traço de gênero semântico do referente

	<b>Preferencialmente manifestos</b>	<b>Preferencialmente nulos</b>
Referentes [+gs]	sim	não
Referentes [-gs]	não	sim

E aqui conseguimos ver o funcionamento (ainda que não categórico, como já alertamos ao longo do texto) da distribuição entre referentes [+gs] e [-gs] no que toca a estratégias de retomada anafórica e uso de objeto nulo em PB.

### Conclusões

Com este texto, nos propusemos a responder três questionamentos sobre as estratégias de retomada anafórica de objeto direto de 3ª pessoa em PB:

1. O uso de pronome *versus* objeto nulo é um fenômeno de variação livre ou de distribuição complementar?
2. Se estamos diante de um fenômeno de distribuição complementar, qual é o fator gramatical condicionador de uma estratégia ou de outra?
3. Entre essas duas estratégias, há uma que pode ser considerada *menos marcada* na língua?

As respostas a que chegamos podem ser resumidas abaixo:

1. Trata-se de um caso de distribuição, ainda que não categórica. Ou seja: há contextos que favorecerem o uso de pronome na retomada anafórica e há contextos que favorecem a categoria vazia na posição de objeto (como detalhamos abaixo).
2. Há, na literatura sobre o assunto, uma hipótese bastante testada e que explica (até certo ponto) os contextos em que o pronome é favorecido em detrimento da categoria vazia e vice-versa. É a hipótese dos traços de animacidade e especificidade do (re)metemos o lei-

tor à literatura discutida nas seções anteriores). Contudo, há uma hipótese que nos pareceu dar conta de mais casos (especialmente os casos problemáticos, em que a distribuição complementar entre categoria vazia e pronome não estava clara, cf. seção 2 e subseções ali apresentadas), a hipótese do gênero semântico do antecedente. De acordo com essa hipótese – que foi confirmada em nossos testes com julgamentos de falantes –, os antecedentes com gênero semântico marcado (substantivos como *o menino, a professora*, etc.) favorecem o uso de pronome como estratégia de retomada anafórica na função de complemento do verbo; inversamente, os referentes com gênero semântico não marcado (a maioria dos substantivos do português, cf. nota 5) favorece o objeto nulo. Além de essa hipótese ter se mostrado mais adequada do que a hipótese que trata dos traços de animacidade e especificidade do antecedente (ou, ao menos, tão boa quanto ela), ela é *mais simples*, já que envolve apenas um único traço do antecedente. Aplicando a navalha de Occam, ficamos com essa segunda hipótese como a melhor para explicar a distribuição entre pronomes e categoria vazia na retomada anafórica do objeto em PB – não apenas de 3ª pessoa, mas de 1ª e 2ª pessoas também, como apontamos na seção 3.

3. Finalmente, a gramática do PB conta com essas duas estratégias (pronome e categoria vazia), em que a segunda estratégia parece ser a *menos marcada* na língua (a estratégia que está se confirmando como *default* na gramática do PB), no seguinte sentido: ela é mais frequente, envolve menos material linguístico e é a mais comum em dados de aquisição da linguagem.

### **Bibliografia**

ANDERSON, S. R. *West Scandinavian vowel systems and the ordering of phonological rules*. Tese (Doutorado) – Department of Foreign Literatures and Linguistics, Massachusetts Institute of Technology, 1969.

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.

AYRES, M. R. *Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

CAMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CASAGRANDE, S. *A aquisição do objeto direto anafórico em português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

COMPANY, C. C. Grammaticalization and category weakness. In: WISCHER, I.; DIEWALD, D. (Ed.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

CREUS, S.; MENUZZI, S. M. Sobre o papel do gênero semântico na alternância entre objetos nulos e pronomes plenos em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, p. 149-176, 2004.

CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

\_\_\_\_\_. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

\_\_\_\_\_. Para a história do Português Brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência dos clíticos. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 1, 2003.

CYRINO, S. M.; MATOS, G. Null objects and VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. *The handbook of Portuguese linguistics*. Oxford: Blackwell, 2016.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, n. 3, 1991.

DUARTE, M. E. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

\_\_\_\_\_. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. V. *O objeto nulo no português rural baiano. Teoria temática e eclipse de DP*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, 2009.

GALVES, C. O objeto nulo em português brasileiro: percurso de uma pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 17, 1989.

- HOPPER, P. J., THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, p. 251-299, 1980.
- KATO, M. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. In: ASHBY, W. J. et al. (Ed.) *Linguistic perspectives on the Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.
- KIPARSKY, P. "Elsewhere" in phonology. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. (eds.) *A festschrift for Morris Halle*. Austin: Holt, Rinehart and Winston, 1973.
- MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza : EUFC, 1994.
- NUNES, J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. *ReVEL*, v. 5, n. 9, 2007.
- PANITZ, E. P. Null objects in Brazilian Portuguese, revisited. *Caderno de Squibs: temas em estudos formais da linguagem*, v. 1, n. 1, 2015.
- PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- PIVETTA, V. *Objeto direto anafórico no português brasileiro: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos – animacidade/especificidade vs. gênero semântico*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.
- RAPOSO, E. P. On the null object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O., SILVA-CORVALÁN, C. (Ed.). *Studies in Romance Linguistics*. Foris, Dordrecht, 1986.
- SCHWENTER, S. A. Null objects across South America. *Selected proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. Two kinds of differential object marking in Portuguese and Spanish. *Portuguese-Spanish interfaces: Diachrony, synchrony, and contact*, 2014.
- \_\_\_\_\_; SILVA, G. Anaphoric Direct Objects in Spoken Brazilian Portuguese: Semantics and Pragmatics. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 1, n. 2, 2003.
- SCHWINDT, L. C. Exponência de gênero e classe temática e produtividade em português brasileiro. *III Colóquio Brasileiro de Morfologia*, 2015.
- \_\_\_\_\_. Morfofonologia de gênero e classe temática em português brasileiro. *XXXI Encontro Nacional da ANPOLL, UNICAMP*, 2016.

SPROUSE, J. *A program for experimental syntax: finding the relationship between acceptability and grammatical knowledge*. Tese (Doutorado) – Department of Linguistics, University of Maryland, 2007.

TARALLO, F. Turning different at the turn of the century: 19th century Brazilian Portuguese. In: GUY, G. et al. (Ed.) *Towards a social science of language: papers in honor of William Labov*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

VAN VALIN, R. D.; LAPOLLA, R. J. *Syntax*. Cambridge: CUP, 1997.

## **Anexo**

Teste de escala de magnitude com 130 informantes:

Leia as frases abaixo com atenção e atribua a elas um valor de 0 (zero) a 10 (dez), em que **0** seja atribuído para uma frase mal formada no seu dialeto e **10** para uma frase adequada para sua fala cotidiana.

Exemplos:

- a. As meninas chegaram cedo para a festa. 10
- b. A meninas chegou cedo para a festa. 0

1. Toda vez que o Márcio percebe que sua filha teima, ele repreende.
2. Pessoal, a gente vai querer que o João nos procure ou não?
3. Sabe que ontem Maria encontrou um menino chorando e consolou ele.
4. Adoram todos os amigos do João comer chocolate.
5. Quando viu alguns turistas que estavam jogando lixo nas ruas, o policial xingou eles.
6. Se eu encontrar um profissional capaz de fazer isso, eu contrato na hora.
7. Aí cês chegaram com aquele bolo e eu tive que parar com meu regime.
8. Quando eu vejo alguma pessoa cega querendo atravessar a rua, eu ajudo.
9. Aquela barriga ali, só com regime.
10. Todo mundo diz que o Grêmio vai perder, mas eu num sei não, acho que vai ganhar o jogo.
11. As guria que eu conheci estudavam no curso de Psicologia.
12. Cuidado! Caiu as coisa tudo no chão!
13. Sabe que ontem Maria encontrou um menino chorando e consolou.
14. Se eu encontrar um profissional capaz de fazer isso, eu contrato ele na hora.
15. A Ana boceja nas tardes de domingo.
16. Quando aquele rapaz loiro passou por aqui, a minha prima cumprimentou.
17. De que a Maria encontrou o professor que dá aula?
18. Depois que a Maria viu cês fazendo aquele bolo, tentou imitar.

19. Olha aqui: se eu me deparasse com uma menina bem bonita, eu beijava.
20. Tu se importa se eu se atrasar um pouco?
21. Então, a gente nos liga amanhã, certo?
22. Essa janela venta muito no verão.
23. Eu finalmente descobri quem me entregou para o professor.
24. Toda vez que o Márcio percebe que sua filha teima, ele repreende ela.
25. Ficou sabendo que o João da Silva suicidou?
26. Meu carro furou o pneu pela terceira vez ontem.
27. O livro que o João mais gosta é “O Senhor dos Anéis”.
28. De quem o João viu a menina que falou?
29. Esse queijo aqui corta muito fácil. É uma delícia!
30. O Pedro me disse que faz isso para vocês, se vocês quiser.
31. O queijo que o rato comeu era do vizinho.
32. O tio da vizinha do amigo do cunhado do colega da Maria faleceu.
33. Olha aqui: se eu me deparasse com uma menina bem bonita, eu beijava ela.
34. Quando eu vejo alguma pessoa cega querendo atravessar a rua, eu ajudo ela.
35. Depois que a Maria viu cês fazendo aquele bolo, tentou imitar vocês.
36. Quando aquele rapaz loiro passou por aqui, a minha prima cumprimentou ele.
37. Ontem eu liguei pra minhas amiga, e combinei de sair com elas.
38. Presta atenção aqui ó: tu não me derruba esta água no chão de novo, viu?
39. Qual livro tu conhece o professor que escreveu?
40. Quando viu alguns turistas que estavam jogando lixo nas ruas, o policial xingou.
41. O queijo que o rato que o gato que o cachorro pegou matou comeu era do vizinho.
42. Todo mundo diz que o Inter vai perder, mas eu não sei num, acho que vai ganhar o jogo.

Data de submissão na OJS: 27/07/2016

Data de aceite registrado na OJS: 06/11/2016